A GUERRA NA ROSA: RELATO DE UMA AULA SOBRE DRUMMOND

André Pinheiro (UFCG)

Resumo:
Às vezes não é preciso muita coisa para se fazer um trabalho interessante com poesia em sala de aula. A motivação pode partir de uma simples foto ou de um grupo de discussões sobre os temas que o texto aborda. A leitura expressiva também é um recurso que chama muito a atenção dos alunos. É com base nesses critérios que este trabalho relata uma experiência a partir da leitura de alguns poemas do livro *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade. A abordagem privilegiou o texto literário e dirigiu o olhar dos alunos para a linguagem poética e para as experiências humanas descritas na obra – elementos mais propícios para se ter uma verdadeira aula de literatura.

Palavras-chave: poesia; Drummond; sala de aula

Résumé:
Parfois, il ne faut pas beaucoup d'artifices pour qu' on travaille la poésie dans la sale de classe. Une simple photo ou un débat entre les élèves sur les thèmes du texte peuvent être un bon point de départ. La bonne lecture des poèmes, en haute voix , est aussi un chemin qui attire bien l'attention de la classe. Ainsi, ce travail parle d' une expérience d' après la lecture de quelques poèmes du livre *A rosa do povo* de Carlos Drummond de Andrade. Cette démarche a privilegié le texte littéraire et il a guidé les yeux des élèves vers le langage poétique et à l'expérience humaine décrits dans l'œuvre – meilleurs éléments pour se travailler le texte littéraire en salle de classe.

Mots-clés: poésie, Drummond, classe

"Sou apenas o sorriso
na face de um homem calado"
(América)

Apresentação

Como parte das atividades desenvolvidas na disciplina *Prática de ensino II*, este relato de experiência é resultado de uma aula sobre poesia ministrada numa escola pública de um bairro periférico de Campina Grande. Criamos uma turma piloto na Escola de Ensino Fundamental e Médio Severino Cabral, à qual se ofereceu um curso de *Literatura e análise lingüística no ensino médio*[1] com o intuito de orientar os alunos no trabalho da análise do texto literário, ampliar a sua visão acerca de alguns fatos da língua e, conseqüentemente, aperfeiçoar a sua capacidade discursiva.

A maioria da turma era composta por alunos de 3º ano que iriam prestar o vestibular ainda nesta temporada; alguns estudantes das demais séries também fariam o Processo Seletivo Seriado, de modo que se mostraram o tempo todo preocupados com os conteúdos ministrados em sala.

Preferimos trabalhar com o livro *A rosa do povo* em função da inegável expressão estilística de Carlos Drummond de Andrade e porque este volume estava sendo indicado para o vestibular da Universidade Federal de Campina Grande.

A marca preponderante do livro de 1945 certamente é a denúncia social com base no registro das cenas da guerra eminente; por isso mesmo, as nossas observações se voltaram com mais ênfase para esse aspecto. Examinamos o poema "Carta a Stalingrado". Trata-se de uma descrição dos estragos causados (durante a II Guerra Mundial) pelas tropas alemãs a uma pequena cidade russa. O poema ainda aborda o pavoroso poder de resistência e renascimento desse lugar, que conseguiu reverter a sua situação e dominar o centro de Berlim.

Como não desejávamos trabalhar o texto sem antes antecipar um pouco a sua temática, realizamos uma atividade que não apenas orientou os alunos no posterior exercício analítico, como também os

motivou a participar de forma mais decisiva das discussões. Primeiro, exibimos algumas gravuras sobre a II Guerra Mundial (tanques de guerra, soldados mortos, ataques, pára-quedas, enfermeiros, etc) e pedimos para que a turma discorresse um pouco sobre o que via. Já que era consenso de que aquelas imagens tratavam de uma batalha atroz, pedimos para que cada aluno se posicionasse frente ao tema. Claro, os comentários da turma anteciparam um pouco o ar de destruição e dramaticidade que caracteriza os textos a ainda serem trabalhos.

Depois, exibimos fotos específicas sobre o ataque das tropas alemãs à cidade de Stalingrado e sobre a posterior vitória russa nos campos germânicos. A brutalidade das cenas ajudou os alunos a compreenderem o estado de perplexidade que marca o espírito do *eu-lírico*.

Antes de iniciarmos a análise do poema (que será descrita na seção posterior), ainda tecemos alguns comentários sobre a vida do poeta mineiro e sobre os temas e atitudes mais recorrentes de *A rosa do povo* – a metalinguagem, a dramaticidade, a presença da família, o tema da morte, o *gauchismo*, dentre outros.

Um aspecto que não pode deixar de ser notado é o modo como se lê o texto literário. É sempre proveitoso fazer uma leitura mais expressiva, atenta às pausas, ao ritmo e às mudanças de tom que marcam toda boa obra literária. Em sala, quando enfatizamos determinadas passagens, os alunos ficaram mais atentos e puderam compreender melhor alguns conceitos do poema, uma vez que a escolha de um determinado modo de leitura já é um primeiro passo interpretativo.

Depois de concluídas as investigações do texto (sempre buscando um elo com a experiência própria do aluno, com o conhecimento que ele tinha sobre o assunto), propomos uma atividade de análise com base no poema "Consolo na praia", do mesmo livro, dirigindo o olhar da turma para as experiências do

[1] As orientações concernentes à regência de literatura estavam sob a responsabilidade da professora Maria Marta dos S. S. Nobrega e as de análise lingüística, com a professora Denise Lino.

sujeito e para o trabalho apurado com a linguagem. Alguns dados do exercício serão discutidos mais adiante.

O trabalho interpretativo

O sentimento esperançoso é uma das marcas mais visíveis de *A rosa do povo* e está traduzida através da imagem da *flor* em "A flor e a náusea", poema de grande representação desse volume. Em "Carta a Stalingrado", a esperança também é tema central, mas agora a imagem usada para traduzir esse sentimento decorre da própria cidade arruinada. Ou seja, não se trata de uma esperança alienada (sem uma base geradora consistente), mas surge como conseqüência de uma experiência monstruosa que se anuncia diante dos olhos do *eu-lírico*.

Portanto, não há de se estranhar que haja muitas passagens voltadas para a idéia de renascimento. O poeta enfatiza a coragem com que a cidade russa conseguiu reverter um quadro de extrema desgraça. Algumas cenas são dramáticas e penosas, mas a linguagem usada é essencialmente épica e mais parece um canto de louvor para celebrar a vitória diante do inimigo.

Precisamos salientar que Stalingrado é uma cidade, cujo governo tem orientação socialista, e quando o poeta ressalta as suas qualidades, automaticamente, ele se mostra condizente com as ideologias desse tipo de governo. A maior prova disso pode ser encontrada na referência o tanto quanto irônica a cidades capitalistas, como se desejasse dizer que o calor do povo é mais significante do que a regularidade da evolução industrial:

> Stalingrado!
> Depois de Madri e de Londres, ainda há
> grandes cidades.

Na segunda estrofe, poesia e realidade se entrelaçam para dar margem à atividade metalingüística e para traduzir aquilo que ficou conhecido como literatura de cunho social. O poeta defende a idéia

de que a lírica não deve estar mais presa a aspectos demasiado evasivos e fantásticos, mas deve se voltar agora para o povo e para as dores que o atormentam. Desde *José* e *Sentimento do mundo*, Drummond se mostra profundamente preocupado com a injustiça social e com o destino dos homens, inaugurando uma fase em que deixa de olhar para si próprio e passa a averiguar os problemas dos outros. Como a II Guerra Mundial foi um acontecimento de proporções irreparáveis para o ser humano, é natural que o poeta tenha encontrado nesse evento um objeto bastante expressivo:

> A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.

É por esse motivo que Stalingrado é personificada e sofre, como uma verdadeira criatura humana, todas as dores e as mazelas que o seu povo sofre. Mais do que isso, a idéia de um lugar (construído em concreto e cimento) ser apresentado como um ser vivo atesta a preocupação humanitária que perpassa a obra drummondiana. Daí porque a luta da brava Stalingrado também abre caminho para a anunciação de um novo mundo, distante da atitude egocêntrica que caracteriza os países ricos:

> Os telegramas de Moscou repetem Homero.
> Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo
> que nós, na escuridão, ignorávamos.

A essência da guerra é apresentada pelo poeta sob diferentes ângulos. Primeiro, o poeta descreve o estado psicológico do lugar, em que sobressaem o pânico e a insegurança; as destruições e os massacres deixam a alma desesperada a espera de um milagre que venha livrá-la da certeza do fim. Depois, exatamente o inverso da situação anterior, aparece o orgulho que as pessoas sentem por Stalingrado ter reagido aos ataques dos inimigos, apesar das perdas; com a vitória da cidade russa, instaura-se entre a população uma espécie de confiança exacerbada que quase beira o egocentrismo.

Saber que vigias, Stalingrado,
sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos confusos pensamentos distantes
dá um enorme alento à alma desesperada
e ao coração que duvida.

Por fim, há também o registro das conseqüências da guerra, apresentadas de forma expressiva e bastante penosa. Mais uma vez, o jogo metonímico mostra a cidade em ruínas, mas o que se sente é o próprio homem arrasado, privado do seu direito de viver. Em alguns momentos, resíduos de construção e restos de corpos humanos formam uma única cena e, como dão a real noção de que o homem e o meio estão marcados pelo mesmo conflito, já não é possível distinguir uma entidade da outra – a cidade humanizou-se e, por um instante, o homem perdeu a sua humanidade:

De umas apenas resta a escada cheia de corpos;
de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.

Essa integração da matéria humana com a matéria concreta é tão intensa que o próprio *eu-lírico* parece se dissolver entre os restos das ruas destruídas, de modo que ele também sente toda a dor que aquele lugar desperta. Nesse sentido, a humanização da cidade é também conseqüência da humanização do sujeito. Em outras palavras, a dor que ele leva no peito acaba sendo refletida na descrição que faz das coisas.

Drummond ainda tece algumas críticas sutis acerca das grandes cidades européias. Ele faz referência a negociações secretas que livram certos lugares do combate em troca de alguns benefícios em prol do inimigo; faz certa referência também àqueles lugares que preferem fugir da luta para salvar o seu patrimônio histórico-cultural. Essas cidades estão marcadas por um sentimento de covardia e representam exatamente o oposto da grandiosidade épica de Stalingrado, referência de dignidade para o sujeito:

As belas cidades do mundo contemplam-te em pasmo e silêncio.

Débeis em face do teu pavoroso poder,
mesquinhas no seu esplendor de mármores salvos e rios não profanados...

A preferência pelas coisas pequenas e simples é marca contumaz da poética drummondiana. Em "Carta a Stalingrado", esse recurso é muito bem explorado e condiz com a própria natureza humanitária do *eu-lírico*. O poeta poderia ter escolhido um grande centro industrial ou militar para ser objeto de sua investigação, no entanto, prefere se voltar para uma pequena cidade arruinada, mas repleta de experiência de vida. Conclui o texto sugerindo uma união entre todos esses lugares pequenos; pede para que os homens caminhem "de mãos dadas" e busquem um caminho que conduza ao lugar, onde a Ordem e a Paz sejam as condições de vida preponderantes:

Penso na vitória das cidades, que por enquanto é apenas uma
[fumaça subindo do Volga.

Penso no colar de cidades, que se amarão e se defenderão contra tudo.

Um último detalhe de natureza estrutural diz respeito à distribuição das palavras nos versos, que traduz a sua própria natureza temática. As orações são insistentemente cortadas e, apesar das bombas que impedem o progresso da vida, o encadeamento reforça a idéia de que a guerra não representa o fim para aquela nação, mas que a vida continua acentuada a cada dia, a cada verso seguinte.

Análise de alguns dados

Depois de analisado o texto "Carta a Stalingrado", propusemos um exercício com base no poema "Consolo na praia", do mesmo livro, para avaliarmos como a turma se comportaria em relação ao ato de análise textual. Transcreveremos aqui um ou outro dado mais relevante, o suficiente para que se tenha uma noção do grau de aprendizagem da turma.

Em uma questão, pedimos para que se explicasse os sentidos obtidos com as repetições constantes da conjunção *mas* no poema e a maioria das respostas foram dadas de modo muito consciente:

A(1).: Por mais que tudo na vida dessa pessoa tenha se acabado, ele deve ter uma esperança, pois em algum momento ele conseguirá recuperar o que havia perdido.

A(2).: O "mas" no meu ver significa que pode vir tudo, a tristeza, a angústia, mas no meio de tudo ruim, pode vir alguma coisa boa.

A(3).: Apesar de todas as suas derrotas, ainda tem um elemento que faça com que ele vença.

Como se vê, todas as respostas ressaltam a divergência entre o sentimento de fracasso e a esperança que o poeta instaura no texto. No entanto, o que mais nos agradou nesses empregos foi o fato de que a análise da conjunção não se voltou apenas para a sua natureza estrutural, e sim para os sentidos que ela pode assumir num texto.

Pedimos também para que os alunos explicassem o significado da gradação corrente na segunda estrofe do poema. No exemplo abaixo, um dos estudantes relacionou, de modo muito bem empregado, a figura de linguagem com o sentimento expresso pelo sujeito, realçando, portanto, a idéia de perda e intensificando a dor que ele sente:

A(4).: Esse recurso mostra a seqüência de derrotas que o eu-lírico sofreu. Durante toda a sua vida, os problemas estiveram presentes. A gradação realça a idéia de sucessão de fatos.

Depois, ainda solicitamos à turma para que interpretasse algumas imagens presentes no poema e a primeira delas diz respeito à presença do *cão* na vida desse sujeito atordoado. Não podemos dizer que os alunos responderam inadequadamente ao enunciado, mas algumas respostas tinham pouca profusão analítica. A(5) ressalta muito bem a fidelidade do cão como elemento decisivo para resgatar o ânimo de uma pessoa solitária, mas A(6) não faz nada mais do que uma paráfrase trivial das idéias do texto:

A(5).: Apesar de tudo, ele ainda tem um companheiro fiel.

A(6).: Ele tem um animal por perto.

O verso *murmuraste um protesto tímido* foi a base para a próxima questão relacionada aos sentidos do texto. Para explicá-lo, a grande maioria da turma fez referência à impotência do sujeito em relação ao sistema social. No exemplo abaixo, o aluno descreve de forma bastante adequada o estado de espírito do *eu-lírico* e enfatiza a impossibilidade de se conseguir algo sozinho. A idéia de andar de "mãos dadas" aparece mais uma vez na obra de Drummond:

A(7).: As coisas que ele fez sozinho não foi o suficiente para mudar a sua situação e ele deve ter ficado chateado com isso.

Por fim, queríamos também que os alunos discoressem um pouco sobre o sentido da passagem *precipitar-se nas águas* e as respostas recuperaram a idéia de suicídio não consumado que encerra o poema:

A(8).: Quer dizer, ao meu ver, ter se matado.

Para finalizar, elaboramos uma pergunta de teor mais estrutural e pedimos para que os alunos comentassem alguma coisa em relação à linguagem do texto, mas as respostas não foram muito satisfatórias. Parece que a turma tem melhor apreensão das questões semânticas do que das questões de estrutura. A(9) prova a falta de precisão das respostas:

A(9).: A linguagem é muito bonita e bem elaborada.

Considerações finais

É necessário que se faça um levantamento da vida social e do histórico escolar do aluno antes de fazer uma análise do seu rendimento e antes de tirar qualquer conclusão sobre o modo como

ele assimilou os conteúdos ministrados em sala. Quando falamos em *histórico escolar não queremos dizer somente os valores quantitativos* que aparecem em seus boletins, mas, sobretudo, o tipo de aula de Literatura que ele assistiu ao longo de sua vida. Sabemos que a prática de ensino, principalmente em escolas públicas é muito defasada, os recursos didáticos são bastante escassos e as instituições governamentais ainda não atentaram de todo para a formação contínua dos professores. Esse é um dado relevante porque não dá para se exigir do aluno que assimile um conteúdo de nível mais elaborado (em apenas uma aula), quando ele não teve uma base sólida no seu processo de aprendizagem.

Portanto, segundo os dados apresentados na seção anterior, podemos dizer que os alunos apreenderam de forma regular alguns aspectos da poética drummondiana e tiveram uma experiência mais humana com a poesia.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. As variadas formas de ler. In: PAIVA, Aparecida (org). **No fim do século a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____ Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Martins. **Escolarização da leitura literária.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond. **A rosa do povo.** 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** *encontro e interação.* São Paulo: Parábola, 2003.

CANDIDO, Antonio. **A crônica:** *o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Editora da UNICAMP, s/d.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos de alunos.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MICHELETI, Guaraciaba et. al. **Leitura e construção do real:** *o lugar da poesia e da ficção.* São Paulo: Cortez, 2000.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária** – *prosa.* 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

NARO, Kalina. A crítica e o ensino do conto: reflexões e possibilidades metodológicas. In: **Seminário de estudos de teoria literária e educação – anais** (Currais Novos). São Paulo: Parábola, 2004.

PINHEIRO, Hélder. Literatura nos paramentos curriculares nacionais. In: **Seminário de estudos de teoria literária e educação – anais** (Currais Novos). São Paulo: Parábola, 2004.

_____ Literatura no ensino médio: uma hipótese de trabalho. In: DIAS, Luis Francisco (org). **Texto, escrita, interpretação: ensino e pesquisa.** João Pessoa: Idéia, 2001.

ROJO, Roxane & CORDEIRO, Glaís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TAVARES, Márcia (org.). **Literatura no vestibular.** Campina Grande: Bagagem, 2004.